



Representações Sociais da Adoção Tardia: A Busca pelo filho ideal

Jerusa Colombo Baldessar¹; Amanda Castro²

Resumo: A pesquisa teve por objetivo identificar as representações sociais dos participantes do Curso de Preparação para Pretendentes à Adoção da Comarca de Criciúma/SC do ano de 2018 acerca da adoção tardia e verificar se o referido curso promove mudanças nessas representações. Participaram da pesquisa 55 requerentes. Para a coleta de dados foram aplicados dois formulários idênticos, sendo um no primeiro e um no último encontro do curso, utilizou-se o teste de substituição. A análise dos resultados foi feita com o auxílio do software Iramuteq. Os dados quantitativos passaram por estatística descritiva. Os resultados demonstraram que os participantes chegam ao curso carregados de paradigmas relacionados a adoção tardia, que se referem à imponência do fator genético e das experiências passadas na personalidade do adotando. Após o curso, foi possível perceber mudança significativa nas crenças dos pretendentes diante da adoção tardia, que passaram a ver esta adoção como algo mais possível.

Palavras-chaves: Representações sociais. Adoção tardia. Curso.

Late Adoption Social Representations: The search for the ideal son

Abstract: The objective of this research was to identify the social representations of the participants of the 2018 Criciúma / SC Adoption Preparation Course for the adoption of late adopters and to verify if this course promotes changes in these representations. 55 applicants participated in the survey. For data collection two identical forms were applied, one in the first and one in the last meeting of the course, the substitution test was used. The analysis of the results was made with the aid of Iramuteq software. Quantitative data were submitted to descriptive statistics. The results showed that the participants arrive at the course loaded with paradigms related to late adoption, which refer to the importance of the genetic factor and the past experiences in the adopter's personality. After the course, it was possible to perceive significant change in the beliefs of the applicants regarding late adoption, who began to see this adoption as something more possible.

Keywords: Social representations. Late Adoption. Course.

Introdução

As discussões abordadas na presente pesquisa são voltadas à problemática da adoção tardia e os processos psicossociais que as envolvem, sendo realizada com os participantes do Curso Preparatório de Pretendentes à Adoção da Comarca de Criciúma/SC no ano de 2018.

¹ Bacharel em Psicologia. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. jerusacaldessar@gmail.com;

² Doutora em Psicologia. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. amandacastrops@hotmail.com.

A adoção é medida irrevogável aplicada quando são esgotadas as possibilidades de reinserção da criança ou adolescente na sua família de origem (BRASIL,2009), e é considerada tardia pela literatura quando o adotando já tem mais de dois anos. Segundo Souza e Casanova (2014, p.53) trata-se de uma “filiação jurídica na qual é formado um parentesco civil sustentado pela afetividade”.

Importante pensar na adoção como uma via de mão dupla, onde de um lado temos crianças e/ou adolescentes que foram afastadas de seu seio familiar e, de outro, pessoas que se dirigem aos Fóruns de suas comarcas, em sua maioria com um profundo e frustrado desejo de exercer a parentalidade, a fim de embarcarem na jornada pela busca de um filho. Todavia, o processo que poderia ser um casamento de interesses entre as duas partes, para muitas crianças e pretendentes esbarra em um conflito: perfil de criança desejada pelos pretendentes à adoção *versus* perfil das crianças acolhidas e aptas a serem adotadas. Isso porque o perfil mais procurado pelos pretendentes ainda é muito restrito às idades iniciais, e em contrapartida, a realidade que encontramos nas instituições de acolhimento é de crianças maiores, geralmente acompanhadas de irmãos.

Segundo dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2019), no Brasil há seis vezes mais pessoas no Cadastro Nacional de Adoção do que crianças e adolescentes aptas para serem adotados e, mesmo assim, são aproximadamente 6 mil menores em abrigos aguardando uma família.

Na Comarca de Criciúma, 66% dos pretendentes habilitados disponíveis aceitam crianças com mais de 02 anos de idade, entretanto, apenas 10% dos requerentes estão abertos a receber crianças de 06 a 10 anos, enquanto não há pretendentes cadastrados disponíveis à adoção de pré-adolescentes e adolescentes a partir de 11 anos de idade (Cadastro Único Informatizado de Adoção, Criciúma - 2018).

A adoção de crianças com mais de dois anos é a chamada “adoção tardia”, onde os novos pais recebem uma criança que, em geral, já fala, se alimenta sozinha, e que tem também uma história de vida, na qual existe abandono, sofrimento e tristeza. É por isso considerada uma adoção que tem características especiais (SOUZA, 2008).

Segundo Sampaio, Magalhães e Féres-Carneiro (2018), a adoção tardia é preferida por casais que já passaram pela experiência parental e por pessoas que não possuem a disponibilidade ou o desejo de cuidar de recém-nascidos. Em geral, a maioria dos pretendentes à adoção opta por crianças menores. A respeito disso, Morelli, Scorsolini-Comin e Santeiro (2015, p. 313) pontuam que

Frequentemente, a justificativa para preferência por bebês aparece relacionada com a dificuldade na educação de uma criança maior e com a busca por melhor adaptação entre pais e filhos sem interferência de aprendizados anteriores. Trata-se de uma tentativa de amenizar as consequências de vivências que a criança possa trazer consigo, satisfazendo, assim, o anseio da família de reproduzir um modelo biológico.

Os desafios comumente encontrados pelos pais que adotam crianças maiores são geralmente embasados nas vivências anteriores da criança, e dos possíveis “traumas” que elas carregam consigo. Entretanto, boa parte destas dificuldades se dão em especial no processo de adaptação, que pode levar aproximadamente 02 anos, como sugere Souza (2008).

Em tempo, importante mencionar que a motivação pelo tema se deu pela vivência da acadêmica ao realizar estágio no setor de Psicologia e Serviço Social do Fórum da referida comarca, onde acompanhou diversos processos de adoção, inclusive o curso, onde foram coletados os dados da presente pesquisa. Desse modo, considerando a experiência em campo e os dados da literatura, torna-se importante investigar o pensamento social dos pretendentes ao cadastro de adoção acerca da adoção tardia: as representações sociais. Elaborada pelo psicólogo social Serge Moscovici, a teoria das representações sociais (RS) discorre sobre a construção dos saberes sociais. Dirige-se aos saberes que se produzem no cotidiano, e que pertencem ao mundo vivido (REIS; BELLINI, 2011). Ainda sobre a teoria, Jodelet (2001, p. 22) a conceitua como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Explica ainda que é uma forma de conhecimento específico, o saber de senso comum, que designa uma forma de pensamento social.

Metodologia

Trata-se de pesquisa descritiva e exploratória, caracterizada como qualitativa e quantitativa. Participaram da pesquisa 55 requerentes em processo de habilitação para adoção da Comarca de Criciúma/SC. O número de participantes foi definido com base na quantidade de pretendentes na comarca que possuíam determinação judicial para participar do Curso Preparatório para Pretendentes à Adoção do ano de 2018, conforme é previsto na lei 12.010/2009. Responderam à pesquisa os pretendentes que possuíam determinação judicial solicitando a participação no curso para andamento do processo. Tratou-se de uma amostra

composta por 28 mulheres e 27 homens, com idades entre 22 e 55 anos, de religião predominantemente cristã, entre católicos e evangélicos.

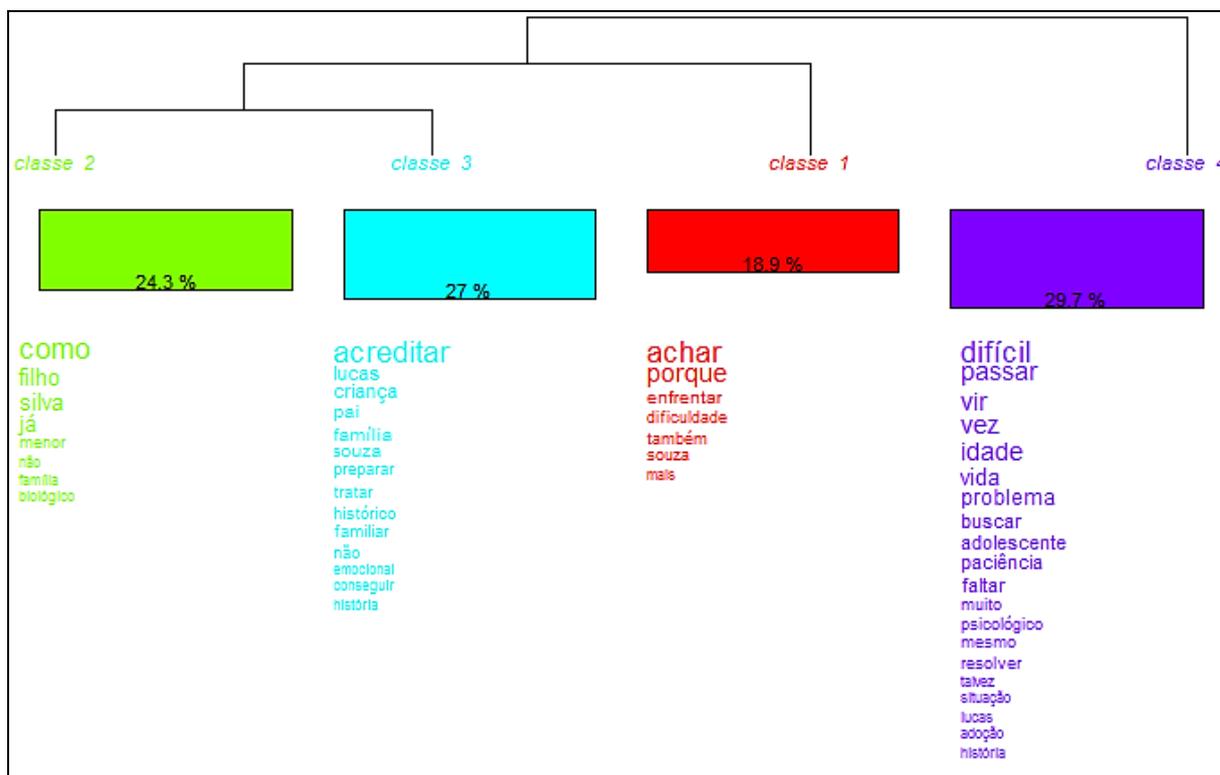
Os instrumentos foram aplicados por meio de um formulário empregado no primeiro encontro do Curso, que foi reaplicado no último encontro. Neste formulário foram solicitados dados de caracterização do participante: idade, sexo, religião, renda aproximada, estado civil, constituição familiar e uma possível idade da criança pretendida. Aplicou-se a *técnica de substituição*, que visou analisar as percepções pessoais dos participantes por meio de suas projeções frente às pequenas histórias de adoção apresentadas. Os testes projetivos têm o papel de “fazer com que a pessoa consiga projetar conteúdos internos em um meio externo, sem ter a consciência plena dos significados envolvidos” (MANFREDINI; ARGIMON, 2010, p. 139).

Os resultados qualitativos foram analisados com o auxílio do software Iramuteq, o qual gerou uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD), descrita posteriormente. O sistema classifica os segmentos de texto em função dos seus respectivos vocabulários e gera classes de segmentos de texto que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulários semelhantes entre si, e vocabulário diferente dos segmentos de texto de outras classes (CAMARGO; JUSTO, 2013). Os resultados quantitativos foram analisados por meio de estatística descritiva.

Resultados e Discussão

O programa IRAMUTEQ reconheceu a separação do corpus da primeira aplicação em 66 textos. A CHD reteve 37 textos, 56,6% do total, e dividiu o corpus em quatro classes, conforme indica a Figura 1.

Figura 1 - Dendograma de classes sobre adoção tardia – aplicação inicial



Fonte: IRAMUTEQ.

Na figura acima constam as palavras cuja frequência foi superior à 3 e qui-quadrado $\geq 3,84$. Num primeiro momento (1ª partição) o corpus foi separado em dois sub corpus, separando a classe 4 das classes 1, 3 e 2. Uma 2ª partição gerou de um lado a classe 1 e de outro as classes 2 e 3; e uma 3ª partição gerou as classes 3 e 2.

A classe 4 “De quem é a culpa”, com 29,73% dos segmentos de textos é representada principalmente por mulheres. Nessa classe os participantes buscam atribuir responsabilidade para o ocorrido de forma fragmentada, enxergando apenas um viés. De um lado há participantes que afirmam que a família não teve paciência para lidar com o problema, de outro lado há participantes que relatam que o personagem da história estava passando por problemas da adolescência, que são comuns da fase dita como “difícil” e há ainda pessoas que atribuem a experiência não exitosa da adoção ao próprio adolescente adotado e sua história de vida, que influenciaria inclusive na educação dos filhos biológicos da família. Segue um comentário como exemplo: “O filho já vem com histórico de problemas sociais, talvez a convivência com outros com o mesmo problema, somado à adolescência pode influenciar o filho menor” (Homem, 41 anos, participante 32).

Desse modo, fica evidente a ideia e concomitantemente o medo não declarado, de que padrões educacionais e culturais da criança adotada podem dificultar o processo de adaptação ao novo lar. Este achado vai ao encontro do que supõe Ebrahim (2001, p. 74), quando afirma que, na perspectiva dos adotantes, “dificilmente uma criança adotada tardiamente aceitaria os padrões estabelecidos pelos pais, pois estariam com sua formação social iniciada”.

A classe 1 denominada “Comparação entre as famílias”, apresenta 18,92% do total de textos. Aqui os participantes trazem a percepção do que consideram ideal em relação à preparação para a adoção tardia. Nesse contexto, trazem o foco para a preparação comparando as características da família 1 e da família 2. A família 1 é tida como mais aberta, com maior capacidade de enfrentamento por não ter filhos biológicos, maior estabilidade emocional. É descrita como aquela que dá mais carinho e atenção. A família 2 é descrita como aquela que não apresenta desejo genuíno de adotar, uma vez que temem pela segurança do filho biológico e pelo mau exemplo que pode ser fornecido pelo adolescente adotado. O segmento de texto exemplifica o exposto: “A família Silva não tinha que se preocupar com a segurança do outro filho, na família Souza eles se preocuparam com a segurança do seu filho natural e acharam mais fácil desistir da adoção, do que enfrentar qualquer dificuldade” (Homem, 39 anos, participante 37).

Durante o processo de adoção tardia as famílias precisam de adaptações, como em qualquer rearranjo familiar. Nesse contexto, faz-se necessário investigar as crenças sobre adoção tardia dos adotantes, para desmistificá-las e ampliar o repertório emocional, visando o manejo de situações de conflitos. No Curso Preparatório, a equipe técnica trará conteúdos embasados na ciência e na experiência profissional. Souza e Casanova (2014, p. 40) falam da importância do curso afirmando que a adoção “é uma gestação diferente, com pessoas que já levam a vida a dois por anos (ou solteiros independentes) e haverá significativas mudanças em suas vidas”. Além disso, as autoras atribuem uma série de motivos que tornam a participação no curso preparatório fundamental, dentre eles mencionam que “será um momento especial para avaliarem seus limites e potencialidades para adoção” e que a preparação “fará o pretendente entender que o filho precisará ter um espaço psicológico para se “reconstruir” na vida ao lado destes pais” (SOUZA; CASANOVA, 2014, p. 40).

A classe “Justificativa para a interrupção da adoção” (Classe 3), representa 27,03% do total de textos. Os participantes enfocam nos motivos que levaram a interrupção da adoção pela família Souza. De um lado trazem a questão do histórico de Lucas e de sua vida com complicações, de outro trazem a frustração da família diante da inadaptação do adolescente.

Por outra perspectiva, os pais que não tem filhos biológicos não tem a interrupção como opção, tendo que encontrar uma forma de ter e manter um filho. Além disso, relatam a diferença entre o filho biológico e o adotivo, em que a relação de adoção seria apenas uma opção quando se tem um filho biológico, havendo inclusive uma diferença de sentimento em relação aos dois filhos. O trecho que segue ilustra essa classe: “A história das duas famílias é bem semelhante pela descrição das histórias, mas a família Souza OPTOU pela relação com o primeiro filho” (Mulher, 40 anos, participante 39).

Embora a literatura dedicada à temática da adoção disponha de poucas publicações com o foco nas adoções por casais que já têm filhos biológicos, essa tem sido uma característica cada vez mais presente entre os pretendentes, ou seja, tem-se percebido nos últimos anos um aumento significativo na quantidade de pretendentes que já tem filhos à procura da adoção. Essa mudança já pode representar uma nova perspectiva social a respeito da filiação adotiva, visto que por muito tempo esta foi considerada como a única solução para a infertilidade. Entretanto, diante dessa nova realidade, surgem também novas demandas no que concerne à avaliação destes futuros adotantes a respeito de suas motivações, mesmo porque, pesquisas relacionadas apontam que a adoção tardia ocorre principalmente entre os casais que já tem filhos, como apontam os achados de Ebrahim (2001). A mesma pesquisa, que teve como objetivo investigar as motivações dos pretendentes à adoção, revela que, em sua maioria, “os adotantes tardios adotam mais por se sensibilizarem com a situação de abandono das crianças, enquanto que as pessoas que adotam bebês o fazem, na maior parte das vezes, por não ter os próprios filhos” (EBRAHIM, 2001, p. 77).

Este dado da literatura se torna preocupante quando nos voltamos à premissa de que “um ato de altruísmo” não deve ser o principal motivo para a adoção, sobretudo para a adoção tardia, que demanda maior disponibilidade afetiva e persistência. Levinzon (2004, p. 17), afirma que “o desejo de ajudar uma criança, por si só, não se constitui como bom prognóstico para a adoção, uma vez que o desejo dos pais de exercer a parentalidade deve estar claro para os mesmos”. Cabe, neste sentido, uma reflexão acerca dos métodos de incentivo à adoção tardia utilizados pelos órgãos responsáveis pelo encaminhamento de crianças e adolescentes a famílias substitutas no Brasil, que comumente se utilizam de produções midiáticas com o intuito de promover uma comoção social a respeito dos acolhidos, suscitando o sentimento de compaixão e despertando o desejo da atitude altruísta e caridosa, com a mensagem implícita de “salvar uma criança abandonada” ou “dar um futuro à uma criança rejeitada”.

A Classe 2, denominada “Adoção tardia: escolha ou única opção? ”, representa 24,32% de textos retidos na análise, principalmente, sendo emitido majoritariamente por casais que já tem filhos biológicos. Nessa classe os textos trazem de forma unânime a questão da diferença entre adoção entre casais que possuem filhos biológicos e os que não possuem. Enfatizando que o filho adotivo para o casal que já tem filhos biológicos é apenas um acréscimo na vida dos pais, não constituindo uma obrigatoriedade para a satisfação de um desejo parental e, portanto, torna-se uma relação de fácil desistência – frágil-, em que quaisquer desconfortos com o adolescente pode ganhar maior proporcionalidade. É importante mencionar que nas duas histórias foi relatado que o casal adotante buscou auxílio profissional, entretanto os participantes nesta classe ignoraram esta informação na última história, utilizando como justificativa para a desistência do processo a ausência da busca de ajuda profissional. Assim, parece que a interrupção do processo de adoção, a popularmente chamada “devolução” do adotando, encontra-se na zona muda das representações sociais, sendo algo de difícil assimilação.

Abric (2003) afirma que a zona muda de uma representação social se trata de lacunas na representação que é composta de crenças que, embora sejam comuns a um determinado grupo, não se revelam facilmente nos discursos cotidianos, pois são considerados inadequados em relação às normas sociais. Complementa que, “Esta zona muda é composta de elementos da representação que não são verbalizáveis pelos sujeitos pelos métodos clássicos de coleta de dados” (p.61), como o método de evocação de palavras, por exemplo. Ou seja, mesmo que, quando convidados a citar as primeiras palavras que viessem à sua mente sobre o tema “adoção tardia” os participantes tivessem pensado na palavra “devolução”, ou algo que remetesse à interrupção da adoção e o recolhimento do adotando, possivelmente sua atitude imediata seria de substituir ou ignorar este pensamento, uma vez que se trata de um assunto socialmente velado.

A chamada “devolução” na adoção, de fato, não existe, uma vez que é medida irrevogável, conforme a lei 12.010/2009 (BRASIL, 2009) O que acontece quando o adotando acaba retornando à instituição de acolhimento é a interrupção do estágio de convivência¹, ou seja, no período de adaptação (quando a adoção ainda não foi efetivada). Após efetivada a adoção, o recolhimento acontece por meio da destituição do poder familiar, da mesma forma

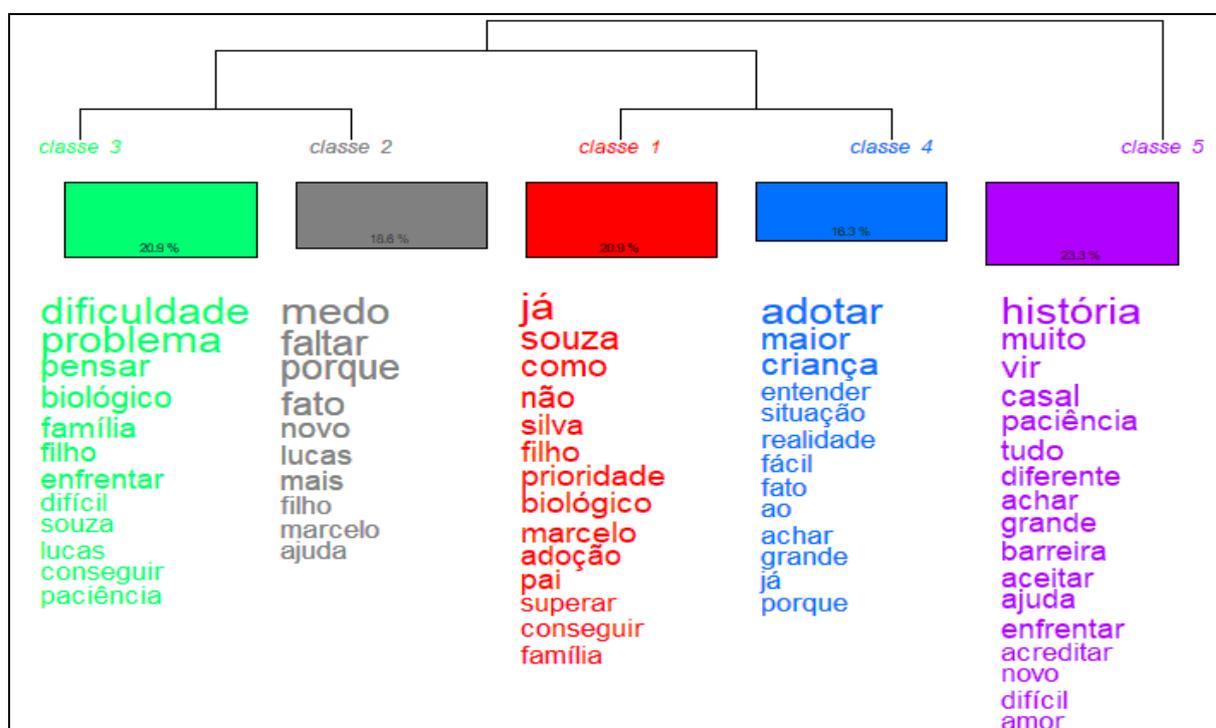
¹ Estágio em que o(s) adotante(s) detém a guarda provisória do adotando e são acompanhados pela equipe técnica pelo prazo que autoridade judiciária fixar. Este acompanhamento resulta em um relatório, que a equipe apresentará ao juízo para que efetive (ou não) a adoção (BRASIL, 2009).

como os pais biológicos foram destituídos. A destituição acontece quando há violação dos direitos da criança ou adolescente.

A interrupção do estágio de convivência pode acontecer por motivos variados, e do ponto de vista da criança, esta experiência reproduz o estado de duplo abandono, com consequência de difícil reparação (RIEDE; SARTORI, 2013). Dentre os fatores de risco para o fracasso da adoção, destaca-se a dificuldade de se estabelecer a vinculação afetiva, uma vez que esta é primordial na superação dos obstáculos, como sugerem Riede e Sartori (2013, p. 152): “quando o vínculo da filiação não ocorre, pequenas dificuldades tornam-se grandes problemas”.

Após a participação no curso de preparação novos significados foram gerados, tendo em vista que com uma nova análise de CHD foi possível identificar que de quatro classes passou-se a cinco classes de contextos semânticos, o que pode sugerir que os participantes perceberam novas possibilidades de resposta, conforme figura abaixo:

Figura 2 - Dendograma de classes sobre adoção tardia – aplicação final.



Fonte: IRAMUTEQ.

Em relação às dificuldades percebidas sobre a adoção tardia, o medo, que aparece na classe 2 (18,6% st), surgiu com maior frequência e χ^2 , o que significa que após o curso os

pretendentes conseguiram detalhar melhor quais os tipos de medo envolvem o processo. Ou seja, antes o medo aparecia de uma forma mais “genérica”, havia o medo, mas ele não estava associado a situações específicas. Após o curso este medo surgiu associado ao medo de precisar de ajuda profissional, medo do filho adotivo influenciar negativamente nos filhos biológicos, quando estes existem e ao medo “de não dar conta”. Um trecho que exemplifica o exposto é a declaração da participante 20: “ficaram com medo do Lucas levar o filho para o mal caminho” (Mulher, participante 20).

Camargo (2005) aprofundou em sua pesquisa os conceitos de “medo” relacionados aos mitos populares. Em sua pesquisa a respeito dos medos, mitos e expectativas dos adotantes e postulantes à adoção tardia, percebeu que um dos mitos que compõe o imaginário social deste público diz respeito a possibilidade ou não de se vincular à criança adotada. Menciona que “A qualidade desse vínculo (apego) é posta em dúvida mediante a qualidade do vínculo que se estabelece quando o filho, ao invés de ser adotado, é gerado biologicamente” (p.60) e complementa que “[...] os fantasmas inconscientes, despertados pelo mito, favorecem o acionamento de sua função defensiva que, atuando muitas vezes a nossa revelia, materializa-se sob a forma de recusa à prática da adoção” (p.60). O autor argumenta ainda que muito dos mitos e medos relacionados à adoção advém de uma construção histórica que pode ser percebida desde a mitologia e tragédia greco-romana, além da influência dos meios de comunicação, que, segundo acredita,

[...] pulverizam e polemizam situações do cotidiano, transformando a possibilidade da adoção num processo marcado por dúvidas, ansiedades, desencontros, desnecessários enfrentamentos com situações isoladamente negativas e, por fim, a construção de uma consciência, senão aversiva, temerária a adoção (CAMARGO, 2005, p. 60).

O mito dos “laços de sangue”, muito citado nesta pesquisa, também aparece como norteador do imaginário social, e diz respeito a crença de que o fator biológico regerá o destino final e quase sempre trágico dos casos de adoção; é o estereótipo de que independentemente do meio proporcionado pelos pais adotivos, o filho adotado manifestará sempre as características herdadas de seus pais biológicos, ou que tornaria o processo de adoção um fator de alto risco (CAMARGO, 2005; BERTHOUD, 1997). Bernardino e Ferreira (2013) acreditam que, diante dos mitos, há o medo de que a adoção não atinja plenamente o sonho dos pais adotivos.

Na classe 3, com 20,93% dos segmentos de texto, os participantes fazem menção mais uma vez às dificuldades enfrentadas quando se existe um filho biológico e este deve ser priorizado por quem pretende adotar. Um segmento de texto traz a ideia de que a adoção tardia é mais difícil quando se tem um filho biológico, tendo em vista que os pais tenderiam a comparar um com o outro: “a família Silva teve paciência e persistência e por não ter filhos biológicos foi mais fácil, a família Souza não conseguiu se adaptar com Lucas pois não teve paciência e por ser mais difícil por ter filhos biológicos e comparar um com o outro” (Mulher, participante 21).

A comparação entre os filhos é um fenômeno comum tanto entre famílias totalmente biológicas quanto em famílias mistas, ou seja, com filhos biológicos e adotivos. Apesar dos escritos que se referem a irmãos biológicos recomendarem expressamente a não comparação entre eles, a configuração familiar mista exige um olhar mais sensível para esta questão, uma vez que os pais são afetados por cada filho de uma forma diferente, segundo afirmam Brazelton e Sparrow (2007). Os autores complementam que “pais adotivos que têm filhos biológicos podem descobrir que nutrem sentimentos diferentes em relação aos filhos biológicos e ao adotivo” (p. 74) e que precisam encarar esta realidade com honestidade, para que não passem a tomar atitudes compensatórias, facilmente identificadas pelas crianças.

A classe 1 (20,93% st) ainda traz a ideia de que pessoas que já passaram pela experiência da parentalidade despendem de menos esforços no período de adaptação (por já serem pais), entretanto, há uma nova ideia de que a interrupção da adoção ocorreria em função do despreparo dos adotantes, que comparam os filhos e priorizam o filho biológico. Esta preparação, necessária para adoção tardia, engloba aspectos principalmente psicológicos, conforme o trecho a seguir: “a família Silva se preparou psicologicamente para o estágio de convivência e as atitudes que a criança poderia ter, desta maneira, conseguem superar e fazer prevalecer o amor e a vontade de ter filhos, na família Souza houve um despreparo para os ocorridos” (Mulher, participante 29)

A fala deste participante atribui um resultado positivo ao Curso Preparatório, uma vez que passa a compreender a influência do preparo emocional para o sucesso da adoção tardia. Preparo este que envolve desenvolver um nível satisfatório de estabilidade emocional, entendendo por estabilidade emocional “a capacidade de tolerar as frustrações decorrentes de condições insatisfatórias, sem esquivar-se destas, vendo-as e enfrentando-as de forma realista, com constância e equilíbrio do comportamento” (EBRAHIM, 2001, p. 74). Tal estabilidade por parte de quem adota pode ser vista como fundamental quando atentamos para as

características peculiares que a adoção tardia apresenta, observadas de forma minuciosa por Campos (2016, p. 2-6) em sua experiência na colocação de crianças e adolescentes em famílias substitutas, quais sejam:

- 1) Surgimento de comportamentos regressivos; 2) Agressividade; 3) Agressividade em particular contra a mãe adotiva; 4) Ritmo acelerado no desenvolvimento global; 5) Enfrentamento do preconceito social; 6) Esforço significativo da criança para se identificar com os novos modelos parentais; 7) Construção do vínculo de filiação com o atropelamento de etapas; 8) O vínculo de filiação pode se dar de forma diferenciada; 9) Aquisição de novos hábitos; 10) Aquisição de novos hábitos alimentares; 11) A construção de um novo “eu”; 12) Mobilização de emoções intensas carregadas de ambivalência; 13) Sentimentos de vulnerabilidade, impotência e culpa; 14) A criança se mostra “imatura” para determinadas coisas e “muito avançada” para outras; 15) Enfrentamento da curiosidade e preconceito social.

Nesse ínterim, cabe mencionar que o preparo emocional também envolve autoconhecimento, que precisa ser investigado durante a avaliação psicológica no processo de habilitação, visto que, segundo a mesma autora, “Os adotantes devem se questionar se realmente querem e estão dispostos a enfrentar os percalços que certamente existirão” (CAMPOS, 2016, p. 1).

Ainda sobre a classe 1, onde surgiu a ideia do despreparo dos adotantes relacionado a priorização do filho biológico, cabe a discussão acerca da elaboração da infertilidade, uma vez que a priorização pelo filho biológico, nesta fala, pode estar relacionada ao sentimento de que a filiação adotiva não supre a necessidade de ser pai/mãe. Neste sentido, Morelli, Scorsolini-Comin e Santeiro (2015) atentam para a importância dos pretendentes viverem o luto pelo filho biológico que não veio e se trabalharem em relação às angústias relacionadas à infertilidade, para que estes sentimentos não causem problemas na relação com o filho adotivo. Os autores explicam ainda que

A elaboração do luto envolve também a resolução do conflito entre o filho ideal e o filho real, uma vez que a experiência do luto da perda do filho imaginado favorece a aceitação do filho real em sua plenitude. Assim, com o elaborar da idealização, o casal passa a aceitar o adotivo como filho, e este, por sua vez, passa a assumi-los como pais (MORELLI; SCORSOLINI-COMIN; SANTEIRO, 2015, p. 181).

A classe 4 (16,28% st) traz o termo “criança maior”, o que nos mostra o aumento da ideia da adoção tardia, mas que não abrange adolescentes. Embora as histórias trazidas no formulário da pesquisa tratassem de adolescentes (Marcelo de 12 anos e Lucas, de 13), os participantes desta classe parecem se sentir mais confortáveis em chamá-los de “crianças maiores”, o que evidencia o receio frente ao termo “adolescente”, que, no senso comum, é a

fase da vida considerada mais problemática. Dessa forma, é possível dizer que a adoção de adolescentes também remete à zona muda das RS.

A classe 5 (23,26 st) traz mais uma vez a importância da preparação psicológica e da paciência para enfrentar e ajudar o adotando. Entretanto, nesta classe surge a visão determinista de que a vida dos pais biológicos necessariamente influenciará nos comportamentos do adotando: “Acho que o segundo casal tinha uma missão muito mais difícil por estar competindo com o tráfico de drogas e a adaptação de Lucas com o novo meio social não foi fácil e não foi possível encontrar um ponto de equilíbrio que satisfizesse ambos” (Homem, participante 3). Esta classe representa majoritariamente o poder atribuído à genética: a história de Lucas, na pesquisa, menciona que os genitores do adolescente tinham envolvimento com o tráfico de drogas, mas em nenhum momento essa atitude é atribuída ao menino quando são descritos os comportamentos que supostamente teriam levado o casal a interromper a adoção.

A respeito desta supervalorização do fator hereditário, Morelli, Scorsolini-Comin e Santeiro (2015) apontam que esta contribui para a formação de preconceitos, argumentando que, embora os estudos atribuam importância aos estímulos ambientais para o desenvolvimento humano, “é mais cômodo justificar condutas pela genética do que refletir sobre o ambiente” (p.183). Os autores complementam ainda que “um preconceito inerente à sociedade é de que as crianças tragam consigo condutas ruins devido ao que nomeiam “sangue ruim”, mostrando desconhecimento sobre genética” (p. 183). Além disso, Levinzon (2004, p. 23), com base nas pesquisas e conclusões de Winnicott (1953) afirma que “as crianças adotadas tardiamente apresentam a capacidade de se recuperar das privações físicas, emocionais e sociais, quando se lhes oferece uma família carinhosa e adequada” (p. 23).

No mesmo sentido, Berthoud (1997) analisando um vasto repertório de pesquisas, afirma que “uma vez que a família consiga criar um ambiente adequado em termos de relações interpessoais, a criança adotada irá se desenvolver com as mesmas possibilidades de ajustamento de um filho biológico” (p.62). A autora defende ainda que, o mito dos “laços de sangue”, mencionado anteriormente, torna-se injustificável diante das pesquisas, uma vez que estas têm mostrado claramente que

[...] o mais importante na formação do indivíduo, independente de ser adotado ou não, é uma combinação de influências da herança genética e do meio ambiente, especialmente no que diz respeito às experiências individuais. Assim, parece lógico que tanto um filho biológico quanto um filho adotivo, teriam as mesmas “chances” e correriam os mesmos “riscos”, na estruturação saudável ou não de sua personalidade (BERTHOUD, 1997, p. 60).

CeCIF (2001) compartilha da mesma ideia, argumentando que as heranças biológicas são um fato, mas que elas irão se desenvolver ou não de acordo com as interações do indivíduo com o meio, pois valores não são herdados, são aprendidos.

Por meio de análise estatística descritiva, constatou-se que 27 dos 43 participantes que preencheram o questionário inicial já com uma ideia prévia de idade da criança pretendida, apontaram para a intenção de adotar crianças com mais de 02 anos de idade, ou seja, 62% dos participantes iniciaram o curso abertos para uma possível adoção tardia. 11 participantes indicaram dúvida em relação a idade neste momento inicial, indicando que 20% dos participantes iniciaram o curso sem nenhuma ideia formada em relação a idade pretendida. Dentro dos participantes que indicaram a possibilidade de adoção tardia, especifica-se que 51% delimitaram a idade em até 05 anos, enquanto 48% indicaram abertura para receber crianças de 06 anos ou mais no primeiro encontro do curso.

Ao final do curso foi possível identificar um aumento significativo nas idades pretendidas: de 62% de pretendentes que iniciaram abertos a uma possível adoção tardia, este percentual subiu para 82%. Os números indicados nos questionários finais, em comparação aos questionários iniciais mostram que o percentual de pretendentes que tinha intenção de adotar crianças de 0 a 02 anos apenas caiu de 37,2% para 17,7%.

Dessa forma, pode-se afirmar que o curso promoveu a quebra significativa de paradigmas relativos a adoção e adoção tardia, especificamente, por meio das reflexões e dos conteúdos a respeito do tema, que desmistificaram ideias de senso comum, como as que comumente escutamos neste meio: “filho adotivo dá problema”, “a personalidade depois de uma certa idade não se modifica mais”, ou “a genética é determinante, se o pai era de tal maneira, o filho certamente será também”.

Considerações Finais

As discussões a respeito da cultura de adoção brasileira e da adoção tardia são inúmeras, entretanto, poucos escritos fornecem subsídios para se modificar as crenças que compõe o imaginário social a respeito do tema.

A presente pesquisa também analisou o papel do curso de preparação para pretendentes a nível de modificar as crenças enraizadas no grupo que chega ao pleito da

adoção, e verificou que este evento, obrigatório a quem deseja adotar, promove resultados de grande proporção neste sentido.

De modo geral, pode-se perceber que os pretendentes à adoção têm aumentado gradativamente a idade do filho pretendido ao longo dos anos, todavia, o comparativo entre idade aceita e idade das crianças aptas a adoção ainda mostra uma disparidade difícil de ser superada. Ainda assim, os achados deste trabalho podem sugerir mudanças na forma como as mídias sociais têm tentado promover a adoção tardia, a citar as propagandas e aplicativos que expõe as crianças abrigadas e que visam promover uma comoção social, por meio de um “apelo”. Despertar a comoção social pode levar pessoas a procurar a adoção tardia pela motivação da caridade, muito discutida neste trabalho por não ser a motivação considerada ideal para uma adoção, uma vez que pode ser considerada vulnerável, pois, quando não há o real desejo de exercer a parentalidade com todas as responsabilidades que esta traz consigo, os primeiros desafios podem dissolver o encantamento da caridade e fadar esta adoção a um novo abandono para o adotando.

Invés disso, sugere-se uma abordagem informativa, que busque expor dados científicos que contrapõem as crenças existentes no imaginário social. Isso porque, conforme discutido em capítulo anterior, é por meio de novas informações, consistentes, que se altera uma representação social.

Referências

ABRIC, Jean Claude. **Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes**. In: Campos PHF, Loureiro MCS (Eds). Representações sociais e práticas educativas. Goiânia: Ed. Da UCG; 2003. p. 37-57.

BERNARDINO, Karine de Paula; FERREIRA, Caroline Iwancow. Adoção Tardia e Suas Características. **Revista Intellectus**: 2013, v. 9, n. 24, p. 7-22. Disponível em <<http://www.revistaintellectus.com.br/DownloadArtigo.ashx?codigo=283>>. Acesso em: 18 maio 2019.

BERTHOUD, Cristina Mercadante Esper. **Filhos do coração**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1997, 160 p.

BRASIL. Dispõe sobre adoção. **Lei federal nº 12.010**, de 03 de Agosto de 2009.

BRAZELTON, Berry; SPARROW, Joshua. **Entendendo a rivalidade entre os irmãos** (G. Klein, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2007. 152p.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=p t&nrm=iso>. Acesso em 13 ago. 2019.

CAMARGO, Mário Lázaro. **Adoção tardia**: representações sociais de famílias adotivas e postulantes à adoção (mitos, medos e expectativas). 2005. 268 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97679>>. Acesso em: 18 maio 2019.

CAMPOS, Niva Maria Vasques. **Adoção tardia**: características do estágio de convivência. TJDFT: 2016. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/informacoes/infancia-e-juventude/publicacoes-textos-e-artigos/textos-e-artigos/adocao-tardia/view>>. Acesso em: 13 maio 2019.

CECIF (org). **101 Perguntas e Respostas sobre Adoção**. São Paulo: Organização CeCIF, 2001.

CNJ, Conselho Nacional de Justiça. **Tribunal promove ações em prol da adoção tardia**. 2019. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/judiciario/88890-tribunal-promove-acoes-em-prol-da-adocao-tardia>>. Acesso em: 15 maio 2019.

EBRAHIM, Surama Gusmão. Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 1, 2001, p. 73-80. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5208.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

JODELET, Denise. **Representações sociais**: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Ed.) As representações sociais. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-44.

LEVINZON, Gina Khafif. **Adoção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 147p.

MANFREDINI, Vanessa; DE LIMA ARGIMON, Irani Iracema. O uso de testes psicológicos: a importância da formação profissional. **Revista Grifos**, v. 19, n. 28/29, p. 133-146, 2010. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/868>>. Acesso em: 16 maio 2018.

MORELLI, A. B.; SCORSOLINI-COMIN, F; SANTEIRO, T. V. O “lugar” do filho adotivo na dinâmica parental: Revisão integrativa de literatura. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p.175-194, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v27n1/10.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

REIS, Sebastiana Lindaura de Arruda; BELLINI, Marta. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. *Acta Scientiarum*. **Human And Social Sciences**, [s.l.], v. 33, n. 2, p.149-159, 19 dez. 2011. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/download/10256/pdf>>. Acesso em: 27 maio 2018.

RIEDE, Jane Elisabete; SARTORI, Giana Lisa Zanardo. Adoção e os fatores de risco: do afeto à devolução das crianças e adolescentes. **Perspectiva**, Erechim, v. 37, n. 138, p.143-154, jun. 2013. Disponível em: <http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/138_354.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

SAMPAIO, Débora da Silva; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Pedras no Caminho da Adoção Tardia: Desafios para o Vínculo Parento-Filial na Percepção dos Pais. **Temas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p.311-324, mar. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2358-18832018000100311&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 maio 2018.

SOUZA, Hália Pauliv. **Adoção**: Exercício da fertilidade afetiva. São Paulo: Paulinas, 2008. 223p.

SOUZA, Hália Pauliv; CASANOVA, Renata Pauliv de Souza. **Adoção e a preparação dos pretendentes**: Roteiro para o trabalho nos grupos preparatórios. Curitiba: Juruá Editora, 2014. 166p.

.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

BALDESSAR, Jerusa Colombo; CASTRO, Amanda Castro. Representações Sociais da Adoção Tardia: A Busca pelo filho ideal. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Outubro/2019, vol.13, n.47, p. 208-224. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 13/08/2019;

Aceito: 27/08/2019.